

**AJES - INSTITUTO SUPERIOR DE EDUCAÇÃO DO VALE DO JRUENA
ESPECIALIZAÇÃO EM LÍNGUA PORTUGUESA**

10,0

O DIÁRIO DE ANNE FRANK: uma contribuição na formação de cidadãos críticos.

Autora: RAQUEL MARIA MOREIRA

Orientadora: Profa. Ma. MARINA S. LOPES

ARIPUANÃ/2013

**AJES - INSTITUTO SUPERIOR DE EDUCAÇÃO DO VALE DO JURUENA
ESPECIALIZAÇÃO EM LÍNGUA PORTUGUESA**

***O DIÁRIO DE ANNE FRANK:* uma contribuição na formação de cidadãos críticos.**

Autora: RAQUEL MARIA MOREIRA

Orientadora: Profa. Ma. MARINA S. LOPES

“Trabalho apresentado como exigência parcial para a obtenção do título de Especialização em Língua Portuguesa.”

AGRADECIMENTOS

Primeiramente a Deus por me conceder o sustento espiritual e material durante mais esta etapa de minha vida.

A todos aqueles que colaboraram direta ou indiretamente para que esse trabalho fosse realizado.

A minha irmã, Queila, pela sua ajuda em tantos momentos.

DEDICATÓRIA

Dedico às minhas filhas, Hellen e Giovanna e ao meu esposo por compreenderem minha ausência e me apoiaram nessa caminhada.

À minha mãe que sempre foi exemplo de leitura durante a minha infância.

Aos meus alunos que foram a fonte de inspiração para que esse trabalho acontecesse.

Aos profissionais da educação que acreditam que a leitura é a via de acesso a sociedade e trabalham em prol dela.

EPÍGRAFE

“Que outros se orgulhem dos livros que lhes foi dado escrever; eu me orgulho daqueles que me foi dado ler.”

(JORGE LUIS BORGES)

LISTA DE FIGURAS

FIGURA 01: PROFESSORA ERIN ESCRITORES DA LIBERDADE.....	23
FIGURA 02: ALUNOS DO 9º ANO LENDO O DIÁRIO DE ANNE FRANK.....	27
FIGURA 03: ALUNOS DO 8º ANO LENDO O DIÁRIO DE ANNE FRANK.....	28

LISTA DE GRÁFICOS

GRÁFICO 01: OS BENEFÍCIOS DO HÁBITO DA LEITURA.....	32
GRÁFICO 02: LEITURA NA FAMÍLIA	33
GRÁFICO 03: INDICAÇÃO DA VALORIZAÇÃO DA LEITURA.....	34
GRÁFICO 04: PERCENTUAL DA PREFERÊNCIA LITERÁRIA.....	35
GRÁFICO 05: TAXAS DAS ATITUDES DOS LEITORES DIANTES DO ASSUNTO RETRATADO.....	36
GRÁFICO 06: O LIVRO COMO FONTE DE INSPIRAÇÃO.....	37

RESUMO

A leitura e a escrita são capacidades que devem ser desenvolvidas nas crianças logo nos primeiros anos de escola e que uma base bem constituída no Ensino Fundamental será de extrema importância no decorrer de sua formação. Logo nos anos iniciais, percebe-se a afinidade de alguns alunos com os livros e o lápis, já outros, nem tanto, o que não significa que futuramente possam ser bons leitores. Sabe-se também, que cabe a escola estimular o desenvolvimento dessa capacidade em seu alunado, mas nem sempre alcançamos resultados almejados, pois é necessária a participação familiar e a valorização do conhecimento prévio do aluno. Trabalhar a leitura e a escrita com aluno adolescente não é uma tarefa fácil, já que estamos vivendo um momento de alta tecnologia que trouxe com ela diferentes meios de exercer esta prática e inúmeras possibilidades de usá-las, porém observamos que muitas vezes que seu uso é superficial. A leitura traz crescimento pessoal, profissional e social, visto que por meio dela adquirimos conhecimentos, experiências e maior facilidade para a escrita. Pretendemos aqui, refletir sobre a necessidade da leitura para o ser humano e como ela promove a participação crítica na sociedade trazendo para pesquisa a obra *O diário de Anne Frank*. O trabalho de campo foi realizado junto aos alunos do 8º e 9º Ano da Escola Municipal Tiradentes, situada em Vila Morena, município de Aripuanã-MT. Durante o tempo em que aconteceu nosso projeto, constatamos vários aspectos para a formação do leitor crítico: incentivo e participação familiar, afinidade com o assunto etc, e que os, professores, devem conhecer o gosto e a preferência dos alunos para acompanhá-los nesta caminhada.

Palavras-chave: Leitura, Críticidade, Cidadania, Anne Frank.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	09
1. O PAPEL DA ESCOLA NA FORMAÇÃO DE LEITORES.....	13
1.1 LEITURA E SOCIEDADE.....	15
2. ANNE FRANK: UMA LEITORA EXEMPLAR.....	17
2.1 LEITURA: UMA FONTE DE LIBERDADE.....	23
3. LEITURA EM SALA DE AULA	27
3.1 ANNE FRANK NO MUNDO EQUATORIAL.....	27
3.2 OS DESAFIOS DA LEITURA	31
CONCLUSÃO.....	39
REFERÊNCIAS	40

INTRODUÇÃO

No mundo em que vivemos a leitura é indispensável. A leitura é a maior herança que alguém pode receber e que a atividade fundamental desenvolvida pela escola deve ser a leitura.

A leitura traz crescimento pessoal, profissional e social, visto que através dela adquirimos conhecimentos, experiências e maior facilidade para a escrita. Aprender a ler e utilizar-se da leitura como veículo de comunicação, informação e lazer promove a formação de um indivíduo capaz de argumentar, de interagir com o mundo que o rodeia e tornar-se agente de modificações na sociedade onde vive. E, a escola é um ambiente muito privilegiado para garantir o contato com a leitura.

Atualmente, podemos notar, em sala de aula, um distanciamento da grande maioria dos alunos da leitura. Assim, o livro *O diário de Anne Frank* surgiu como mote inspirador para aguçar a curiosidade dos alunos no campo literário. Apesar de sua pouca idade, Anne era extremamente crítica e inteirada de assuntos diversos. Sabia expressar-se, não tinha medo de dar sua opinião sobre o que fosse. Ela tinha a leitura como “companheira inseparável”, sendo esse o principal motivo para a escolha do seu livro. Se ler livros escritos por um autor adulto pode ser um ato de desprazer, ler as experiências de alguém com a idade compatível a deles pode mudar essa perspectiva.

A experiência didática do filme *Escritores da Liberdade* mostra como os alunos de uma escola que estavam totalmente excluídos e desacreditados, tiveram a oportunidade de se transformarem com o poder da leitura, principalmente com a história de Anne Frank, pois viram nela um exemplo de determinação e coragem para enfrentar suas dificuldades.

Procuramos desenvolver a pesquisa na Escola Municipal Tiradentes, situada em Vila Morena, município de Aripuanã- MT, com alunos do 8º e 9º Ano do Ensino Fundamental, sendo turmas únicas que abrangem a faixa etária dos treze aos dezessete anos, idade semelhante a Anne Frank e as personagens do filme *Escritores da Liberdade*.

Nosso propósito maior nesse trabalho é mostrar aos alunos adolescentes pela obra *O diário de Anne Frank* e o filme *Escritores da Liberdade* que a leitura é muito mais que aquisição de conhecimento. Ela nos permite sonhar, desabafar e libertar-se. Ler é descobrir o mundo. Tornando-o cidadãos críticos. Pretendemos também trabalhar a valorização da leitura com os alunos do 8º e 9º Ano da Escola Municipal Tiradentes, discutir com eles a importância deste hábito dentro da sociedade e coletar através da obra *O diário de Anne Frank* os seguintes dados: O hábito da leitura entre os moradores do anexo, a dedicação de Anne a leitura e a facilidade que tinha para escrever.

Na expectativa de despertar o interesse na leitura por parte desses alunos, levantamos os seguintes questionamentos: Os alunos do 8º e 9º Ano da Escola Municipal Tiradentes tem o hábito da leitura? Qual a importância da leitura na formação dos alunos adolescentes do 8º e 9º ano da Escola Municipal Tiradentes? A leitura do livro *O diário de Anne Frank* contribuirá no despertar para a leitura desses alunos?

Para atestarmos esses questionamentos levantamos as hipóteses de que a leitura dessa obra despertou nos alunos do 8º e 9º Ano da Escola Municipal Tiradentes maior interesse e gosto pela leitura por perceberem que a menina, apesar de adolescente, possuía muito conhecimento ou após essa leitura e os debates sobre o filme *Escritores da Liberdade*, os alunos mostraram mais espontaneidade em suas falas por sentirem-se motivados com a história de Anne Frank e das personagens do filme.

Para a realização do trabalho, foi feita uma pesquisa bibliográfica, pesquisa de campo com tabulação qualitativa e quantitativa e de campo. Num primeiro momento, foi lida a obra *O Diário de Anne Frank*, coletivamente. A leitura iniciou-se na segunda quinzena de julho e terminou em novembro.

No segundo momento, os alunos assistiram ao filme *Escritores da Liberdade*. Foi necessário assistir ao filme duas vezes, para que os alunos conseguissem fazer a ponte entre o filme e o livro.

Durante aproximadamente duas horas foi realizado um debate onde os mesmos colocaram suas experiências com leitura. Antes porém, foi feita uma

dinâmica onde responderam oralmente a três perguntas. Estas perguntas foram colocadas dentro de balões, uma pergunta em cada balão. Cada aluno recebeu um balão que deveria encher, então abrimos um espaço na sala para que pudessem circular livremente. Os balões foram jogados para o alto durante alguns segundos, e a um sinal, eles seguraram o balão. Então, cada um estourou seu balão e leram as perguntas que eram as seguintes: Com que idade aprendeu a ler? Tem um autor preferido? Leu algum livro que deixou marcas em você?

Cada qual foi convidado de forma voluntária a compartilhar essas experiências. Depois disso, tivemos uma aula em que os alunos responderam a um questionário contendo seis perguntas de caráter quantitativo.

O livro escolhido para a pesquisa retrata a menina alemã, de cor branca, judia e classe média, e que mesmo assim foi perseguida, presa e perdeu sua vida durante a Segunda Guerra Mundial. Anne possuía uma inteligência impressionante, e ao relatar sua história que apesar de triste é fascinante, consegue envolver o leitor por sua linguagem clara e a riqueza de detalhes. Seus comentários não são superficiais e sim de alguém que tem segurança e conhecimento do assunto tratado.

Já o filme *Escritores da Liberdade* mostra uma turma de alunos adolescentes excluídos, movidos pelo ódio uns dos outros e crentes que eram inferiores e incapazes. Frequentavam uma sala de aula especial, a 203, pois o Conselho Educacional os julgava incapazes de acompanhar as turmas avançadas. Com a chegada de uma professora recém-formada, novos horizontes surgiram para esses alunos. De início, ela é vista como mais uma dominadora, querendo impor seus valores. Após várias tentativas frustradas para aproximar-se da turma e sem deixar-se abater, inicia um projeto de leitura e escrita.

Diferentes de Anne, os alunos da 203 não tinham acesso aos livros e nem incentivo, mas bastou alguém dar-lhes crédito e oportunidade para que eles adotassem uma nova postura. Envolvidos e tocados com a história dessa menina, passam a ter maior apreço pelo ensino e apaixonam-se pela leitura.

No início de nosso projeto, atestamos que os alunos tem consciência da importância da leitura, porém este hábito estava adormecido em muitos deles e que a participação e o incentivo familiar é relativamente pequeno. Felizmente no decorrer de nosso trabalho vimos surgir o gosto de ler através do incentivo e o acompanhamento que fizemos.

No primeiro capítulo deste trabalho discutiremos a participação da escola na formação dos leitores e a influência desta na sociedade analisando teóricos que descrevem sobre o tema. O segundo capítulo, é análise do livro *O diário de Anne Frank* e o filme *Escritores da Liberdade*, obras que nos serviram de base para desenvolver este trabalho. Já o terceiro capítulo, mostra nosso trabalho em sala de aula e apresenta o resultado de nossa pesquisa.

CAPÍTULO I

O PAPEL DA ESCOLA NA FORMAÇÃO DE LEITORES

A leitura está presente em todo e qualquer ambiente. Ao adentrarmos nesse mundo fazemos descobertas deslumbrantes. Ao apresentar esse mundo a uma criança deve-se ter o cuidado de mostrar a ela, algo prazeroso, de muita satisfação e não como tarefa árdua e fatigante. “[...], a leitura é ainda uma fonte de prazer, de satisfação pessoal, de conquista, de realização, que serve de grande estímulo e motivação para que a criança goste da escola e de estudar [...]” (CAGLIARI, 2009, p.148).

Ler e escrever não são atividades inatas e muito menos algo que se aprende sozinho, precisa sim, ser incentivada e praticada constante e diariamente e o ambiente escolar é privilegiado para se ter esse contado. Para Silva (2011, p.23) o ato de ler e escrever se completam e juntos formam “uma via de acesso à participação do homem nas sociedades letradas”, cabendo a escola ser a facilitadora para que este construa seu próprio sentido e seja não apenas um indivíduo paciente, mas principalmente agente e consciente de sua transformação e da sociedade.

Vale ressaltar que a escola não é um celeiro de leitores e escritores, mas deve buscar juntamente com toda comunidade escolar o aprimoramento de tais atividades.

O trabalho prático do professor deve ter como objetivo auxiliar a competência leitora, o que possibilita ao aluno a atribuição de sentido a tudo o que lê. Busca-se através dessa capacidade, a melhor compreensão da realidade, a criticidade, a reflexão e o entretenimento.

Segundo Silva (2009) são múltiplas as situações que podemos apropriar da leitura e utilizá-la como fonte de conhecimento, informação, para solucionar problemas. A leitura contribui na aquisição do posicionamento crítico mediante textos (orais e escritos) que nos circundam disseminando suas ideias.

O professor deve propiciar ao aluno momentos em que ele possa expandir essa experiência convidando-o a falar sobre leituras feitas fora da escola, seja uma propaganda, um rótulo ou mesmo nomes de estabelecimentos que ele vê no

caminho para a escola. Cabe ao professor promover esta troca de experiências entre seus discentes.

Muito se cobra da escola a formação de sujeitos críticos, que opinem, entenda e participe da realidade do mundo. Magda Soares (2008, p. 11), falando sobre a ideologia do dom, diz que a função da escola, seria ajustar o aluno à sociedade, “adaptando-o segundo suas aptidões e características individuais” (SOARES, M. 2008, p. 11). Ao não conseguir acompanhar o ensino que lhe é oferecido, este se sente um fracassado, assumindo toda a culpa para si e ao mesmo tempo revoltando-se contra a escola. Esta por sua vez, apoia-se na “existência natural da desigualdade”, (SOARES, 2008, p.11), eximindo-se da sua parcela de culpa por acreditar que oferece oportunidades iguais.

A escola deve ir além de oferecer oportunidades de ler e escrever ao aluno. Ela precisa caminhar ao seu lado durante esse processo. Ler criticamente exige conhecimentos prévios sobre o assunto. Não podemos esperar que o leitor iniciante (ou não), numa primeira leitura consiga fazer inferências, ler as entrelinhas e opinar sobre o assunto. Cabe ao professor, a sondagem do conhecimento de mundo e a valorização de sua bagagem extraescolar. É de suma importância que o professor esteja sempre comentando trechos do que lê, seus autores preferidos, indicar e orientar os gêneros de acordo com a idade e o gosto do aluno.

Para introduzir-se nas práticas sociais é preciso ter posicionamento crítico e quem lê pouco geralmente fica preso, limitado em seu vocabulário e deficiente em suas interpretações.

Com base na leitura de, Kleiman (2011, p. 30) é possível destacar um dos caminhos para a leitura: “o estabelecimento de objetivos e propósitos claros”. A autora destaca a “capacidade de processamento” (KLEIMAN, 2011, p. 30) quando há objetivo ao realizar uma tarefa. Quando lemos sem compromisso, pouco ou nada se absorve. Já a leitura com propósito leva o leitor de forma crítica a vivenciar novos conhecimentos, relacionar o imaginário ao real e reconstruir sentidos, mas para que isso venha acontecer exige-se então da escola e do leitor criticidade, envolvimento e comprometimento.

1.1 LEITURA E SOCIEDADE

Na sociedade contemporânea, em que dia a dia cresce o mercado da tecnologia, vem à tona a necessidade de resgatar o hábito de ler. A evolução da tecnologia trouxe com ela os meios de comunicação responsáveis pela divulgação da cultura de massa (Horkheimer, M. e Adorno, T. W., 2011) e essa por sua vez muito presente em meio a modernidade líquida que escoa em meio à sociedade.

Ao discorrermos a história observamos que a leitura foi fonte de poder e dominação, primeiro pelo clero que reservava para si este direito e depois pelo governo que não almejava uma sociedade instruída e culta.

Estudando a história da educação brasileira, vemos que no Império, a educação era privilégio de poucos. Somente a elite tinha acesso a escola e mesmo assim, eram poucas as mulheres que tinham permissão de estudar. A elas eram reservada o cuidado e afazeres domésticos. Além de serem poucas as pessoas que tinham acesso a escola, havia pouco material disponibilizado para serem lidos.

A escola pública e para todos os níveis da sociedade só aconteceu várias décadas depois, aumentando assim o grupo com a habilidade para a leitura. Cagliari (2010, p. 130) afirma que “A leitura é a extensão da escola na vida das pessoas”.

Segundo artigo de Joice Sanchotene (2013), o crescimento da escola, o aumento da população urbana, a expansão da imprensa e a ampliação do mercado do livro, contribuem para o surgimento do leitor. A leitura da bíblia era muito difundida pelos líderes religiosos que pregavam a valorização da família e a contribuição de tal na formação do caráter das pessoas. A imprensa passa a ser atividade empresarial e com fins lucrativos graças ao crescimento de uma clientela que dominava a habilidade de ler, em decorrência da obrigatoriedade do ensino.

Tomazi (2000) afirma que o capitalismo trouxe com ele modificações ligadas à leitura. A população vai abandonando o campo rumo às fábricas, amplia-se assim o mercado consumidor. A produção em grande escala faz com que alguns produtos baixem os preços e entre eles está o papel. Os jornais ganham espaço, divulgando notícias, crônicas políticas e novelas que como hoje, eram divididas em capítulos. Para saber o desenrolar da trama, o leitor era obrigado a comprar o próximo exemplar.

O capitalismo acompanhado da produção em série, aumenta a oferta de produtos a uma sociedade ávida pelo consumo. Conforme Adorno e Horkheimer (2011), a ampla divulgação destes produtos pelos anúncios nos jornais, rádios e televisão, seduz as massas, fazendo-a perder seu censo crítico, tornando-a consumidora passiva de ideias prontas e acabadas. “(...) a indústria cultural equivale a qualquer indústria, (...) baseando-se na lucratividade, na dependência e na alienação dos homens.” (ADORNO e HORKHEIMER *apud* TOMAZI, 2000, p.206). Para os autores, o objetivo da indústria cultural é maquiagem a realidade do espectador, uma forma de domar os instintos revolucionários. “A mera representação do cotidiano pela mídia, nada mais é do que uma forma de impor certa conformidade com a realidade vivida através de seus produtos que são consumidos pelo homem mesmo em estado de distração”. (ADORNO e HORKHEIMER, 2011, p.190).

Baumam (2001, p.191) alinhando-se aos conceitos de Adorno e Horkheimer (2011) coloca que a modernidade líquida, semelhantes aos fluidos que “se movem facilmente e moldam conforme o recipiente”, diz que os meios de comunicação de massa seduz a sociedade com seus efeitos soporíferos pelo espetáculo e do entretenimento.

Tomazi (2000, p.211), afirma que o “Brasil não é um país de palavras”, e sim um país audiovisual. Para o sociólogo, a população brasileira, caracteriza-se por seu baixo nível de escolaridade e alto índice de analfabetismo. O autor ainda ressalta que nas últimas décadas a maioria da população vê televisão, mas não tem acesso aos livros e assim o visual vai substituindo a leitura.

Pesquisa realizada pela Fundação Pró-Livro e pelo IBOPE Inteligência¹ com 5.012 pessoas em 315 municípios mostra que os brasileiros estão trocando a leitura de livros, jornais e revistas pela televisão e a navegação na internet para a diversão. Segundo a pesquisa os 95,6 milhões de leitores registrados em 2007, caíram para 88,2 em 2011. Para Cagliari (2009, p. 152) “a televisão contribuiu na mudança de hábito de leitura”. Tempos atrás se lia para obter informações sobre os acontecimentos, embora com certo atraso. Hoje as notícias se espalham em fração

¹ Associação de caráter privado e sem fins lucrativos mantida com recursos constituídos, principalmente, por contribuições de entidades do mercado editorial, com o objetivo principal de fomento à leitura e à difusão do livro.

de segundos. Acompanhamos tudo em tempo real. É inegável que os modernos meios de comunicação trouxeram grandes benefícios a sociedade, interligou países diminuindo o mundo geograficamente, mas para interpretar um noticiário é preciso ter além da experiência de vida. Quem tem uma bagagem maior de conhecimento, saberá melhor selecionar os amontoados de informações com que somos bombardeados a todo o momento. As experiências vividas e as experiências adquiridas, juntas formam um público mais crítico e seletivo, “mas para isso é necessário mais que míseros minutos dedicados à leitura” afirma Cagliari (2009, p.152).

O aluno/leitor faz parte de um grupo social dentro e fora da escola, e estando inserido nesse grupo deve-se buscar o aperfeiçoamento já que a leitura e a escrita são hoje, os principais meios de comunicação através dos eletrônicos (celulares, *tablets*, *smartphones*, etc.). José Morais (2012, p. 18) afirma “Os jovens de hoje leem mais do que os da década de 1980 ou 1990, porque a leitura na tela de computador, de *e-book* e de celulares também é leitura”. Apesar de defender a leitura em eletrônicos, que para ele não é diferente da leitura no papel, Moraes concorda que o modo como está sendo utilizada, está banalizando-a. A porcentagem de pessoas que permanecem *on line*, envolvidas em atividades sociais (*chat*, *facebook*, etc.) é alta, ao passo que poucas leem uma notícia ou livros disponíveis na *internet*. Lê-se de forma superficial, sem sede de conhecimento e sem objetivo.

Segundo Castell (1999), a revolução tecnológica fez com que surgisse uma nova sociedade, o mundo tornou-se digital, ficando tudo muito mais rápido e acessível. Evoluímos em séculos da imprensa de Gutemberg para a era dos aparelhos que cabem na palma de nossas mãos e com alguns leves toques, transcorremos o mundo. Conseqüentemente a oferta de leitura aumentou com a chegada da *internet*, pois é possível ler a maioria dos livros *on-line* ou ainda localizar, adquirir e compartilhar exemplares através da rede, porém é preciso um olhar crítico ao selecionar as informações e ingeri-las.

Em seu artigo *O apagão da leitura* Língua Portuguesa, Natali (2012, p.40) conclui que “nunca se leu tanto como na era da digital, mas também é fato que nossa leitura historicamente deficiente, ganhou precisão de pesquisa”. O indicador do Alfabetismo Funcional 2011/2012 mostra que um em cada quatro brasileiros com ensino médio completo é de fato alfabetizado. No Brasil a média anual de leitura é

de 1,8 livros por habitante, na França são 7,0; Estados Unidos 5,1; Itália 5,0 e Inglaterra 4,9. Segundo os pesquisadores estes resultados provem dos programas de incentivos a leitura implantado nestes países.

Conforme Rojo (2010, p. 26), “a realidade hoje sobre a necessidade da leitura, está bem longe da primeira metade do século XX onde quem sabia assinar o nome era considerado alfabetizado”. Grande parte das atividades desenvolvidas atualmente envolve a escrita e principalmente a leitura, seja pegar um ônibus, conferir preços de produtos, usar o cartão magnético, etc., porém como cidadãos, precisamos de “níveis mais avançados de alfabetismo para inserimos nas atmosferas escolar, jornalística e literária”(ROJO, 2010,p.26). Deixar de ser analfabeto não é suficiente, é preciso incorporar-se a essas práticas, “é preciso adquirir competência para envolver-se nas práticas sociais de leitura e escrita” (SOARES *apud* ROJO, 2010).

No primeiro capítulo, discutimos sobre o papel da escola e do professor na formação do leitor, a influência da tecnologia no hábito de ler e como a leitura se faz necessária para se viver na sociedade.

A leitura pode também ser fonte de resgate e libertação, transformando e capacitando o homem que através de seus registros escritos perpetua sua história servindo de modelo para muitas pessoas. São estes os aspectos que pretendemos analisar nas obras *O diário de Anne Frank e Escritores da liberdade*.

2 ANNE FRANK: UMA LEITORA EXEMPLAR

A leitura pode também ser fonte de resgate e libertação, transformando e capacitando o homem que através de seus registros escritos perpetua sua história servindo de modelo para muitas pessoas. São estes os aspectos que pretendemos analisar nas obras *O diário de Anne Frank e Escritores da liberdade*.

12 de junho de 1942

“Espero poder contar tudo a você, como nunca pude contar a ninguém, e espero que você seja uma grande fonte de conforto e ajuda.”(ANNE FRANK, 2011,p.4).

Estas são as primeiras palavras de Annelisse Maria Frank, conhecida mundialmente como Anne Frank, garota extrovertida e falante conforme suas próprias descrições.

Ao completar treze anos, ela ganha de presente um diário, ao qual deu o nome de *Kitty* que passa a ser sua amiga inseparável, a confidente de seus desabafos adolescente. Nele fica registrada sua imensa vontade de ser jornalista e escritora, fato que levou seu pai, Otto Frank, a lutar pela publicação de seu diário após sua morte.

Sua família bem estruturada era formada por ela, seu pai Otto, sua mãe Judith e uma única irmã mais velha do que ela chamada Margot. Judia, imigrou com a da Alemanha para Holanda, fugindo da perseguição nazista. Conforme Hernández (2010, p.149)

A propaganda nazista se encarregou de instigar a aversão contra os judeus com uma intensa campanha de panfletos e cartazes, proclamando que eram “seres inferiores” e entoando a expressão “morram judeus!” como lema para ser repetido em todo momento, a qual inclusive faziam coro, inocentemente, as crianças em idade escolar. O mecanismo do holocausto começava a ser colocado em prática.

A família fixou-se em Amsterdã. Otto se tornou diretor-administrativo da *Dutch Opekta Company*, fábrica de produtos para fazer geleia. Margot foi matriculada em uma escola pública e Anne na escola Montessori². Alguns anos depois as irmãs passaram a estudar no liceu israelita. Em 1940 a perseguição havia chegado até eles novamente. Nas primeiras páginas de seu diário, Anne descreve sobre seus estudos, cenas familiares, seus passeios, suas amizades etc., mas já eram privados de muitas coisas. Não podiam usar os transportes; frequentar cinema, teatro; salão de beleza, só podiam fazer compras entre as três e cinco horas da tarde etc. O uso da estrela amarela os marcava como judeus.

² Escola fundada pela educadora italiana Maria Montessori. É um método de trabalho individual, embora tenha também um caráter social, uma vez que as crianças, em conjunto, devem colaborar para o ambiente escolar. O seu material é voltado à estimulação sensorial e intelectual.

Fonte: <http://www.pedagogiaemfoco.pro.br/per02.htm/>> Acesso em: 21 ago, 2013.

Seu pai já preparava o esconderijo para a família, mas uma carta ordenando que Margot fosse para um campo de concentração nazista, fez com que antecipassem a mudança. Saíram ao amanhecer, vestidos com várias camadas de roupa, pois não podiam chamar a atenção carregando malas. Passaram a viver escondidos em um pequeno espaço secreto da empresa *Opekta*, a que deram o nome de Anexo Secreto. Eram assistidos por alguns funcionários de confiança que levavam para eles comida, remédio e notícias do mundo lá fora.

Alguns dias depois receberam mais quatro pessoas que estavam na mesma situação que eles. Primeiro foi a família Van Pels composta por Sr. Van Dan, Sr^a Petronela Van Dan e Peter. Poucos meses depois chegou o dentista Sr. Dussel que segundo a opinião da autora era um homem rabugento e egoísta. Várias vezes Anne descreve suas brigas com os adultos do Anexo, principalmente com Petronela e Dussel, pois estes a consideravam muito criança e inexperiente para participar de alguns assuntos porém, isto não a abalava, sempre tinha respostas bem fundamentadas e não desistia fácil das discussões. Anne também descreve seu difícil relacionamento com a mãe e sua admiração pelo pai.

A vida sigilosa daquelas oito pessoas foi se complicando dia a dia. Tinham que dividir além do espaço, os afazeres domésticos, os utensílios e principalmente a comida, pouca e de má qualidade. A menina passa a registrar em seu diário as tensões vividas pelo grupo e os momentos de tranquilidade. De início ela chega a afirmar que o diário era uma experiência nova e não acreditava se no futuro alguém interessaria pelos escritos de uma garota de treze anos. “Tenho vontade de escrever e uma necessidade ainda maior de desabafar tudo o que está preso em meu peito.” (FRANK, A. 2011, p. 18).

Sua argumentação, seu posicionamento frente as situações chama atenção devido sua pouca idade. A garota mostra-se uma leitora assídua, tem consciência da importância que a leitura tem na vida das pessoas. Ela escreve sobre sua ansiedade toda semana ao aproximar o sábado, pois nesse dia Miep, uma das poucas pessoas que sabe do esconderijo, levava cinco livros da biblioteca. FRANK, A. (2011, p.127) diz que “Parecemos um punhado de crianças com um presente. As pessoas comuns não sabem o quanto os livros significam”.

Sabemos que a formação do leitor está ligada ao contexto familiar, MAIA (2007) salienta que é fundamental presença de livros e exemplos do ato dentro do

lar. Cabe aos pais “fomentar a formação do pequeno leitor” (MAIA, 2007,p.51). O hábito de ler é incentivado pelos pais de ANNE FRANK (2011,p.76-103) como podemos observar nos seguintes trechos:

Papai quer que eu comece a ler livros de Hebbel e de outros escritores alemães famosos. Atualmente, consigo ler em alemão bastante bem (...). Papai pegou as peças de Goethe e Schiller na estante grande e está lendo para mim todas as noites. Começamos por Dom Carlos. Encorajada pelo exemplo de papai, mamãe pôs em minhas mãos seu livro de oração. (...) Papai esvaziou uma caixa de arquivo para mim e Margot, e encheu-a de fichas em branco de um dos lados. É para servir como o nosso arquivo de leituras, nas quais Margot e eu devemos anotar os livros que lemos, o autor e a data. Aprendi duas palavras novas: bordel e coquete. Eu trouxe um caderno separado para palavras novas.

Observamos que além de dar o exemplo, o pai ensina, auxilia e apoia a atividade das filhas. De acordo com Kleiman (1989, p.27) “O mero passar de olhos pela linha não é leitura”, é preciso conversar com o texto, obter uma relação estreita para que fique arquivado em sua memória para ser resgatado quando necessário.

Ao contar sobre seu aniversário de treze anos comenta: “Ganhei de papai e mamãe (...) um vale para dois livros. Também ganhei outro livro, Câmara Obscura, (mas Margot já tem, por isso troquei por outro)”,(FRANK, A. 2011, p.14). Quando completou catorze: “ganhei presentes maravilhosos, um livro grande sobre meu tema preferido: literatura greco-romana.” (FRANK,A.2011, p.124).

Mais a frente ela fala sobre seu interesse sobre árvore genealógica das famílias reais da França, Alemanha, Espanha, Inglaterra, Áustria, Rússia, Noruega e Holanda. “(...) papai já me comprou muitos livros. Mal posso esperar o dia em que poderei ir à biblioteca pública e pegar toda a informação de que preciso. Sou louca por leitura e por livros.” (FRANK,A. 2011, p.280). E ao completar quinze anos e falar sobre a simples comemoração ela destaca os presentes: “o livro da história da arte de Springer, em cinco volumes (...) de papai e mamãe ganhei um livro de botânica, (...)” (FRANK 2011, p. 346).

Anne valoriza os livros e é apaixonada por eles e isso a transformou em excelente escritora. Colaborando com esta afirmação MAIA (2007, p.11) afirma como a leitura instiga a formação da linguagem fértil, em cada novo ato se descobre

o universo imaginário. A leitura desvenda a razão, a emoção e dá agilidade ao pensamento.

Em outros trechos da obra, (FRANK, 2011, 278-279), ao reler seus escritos a menina faz uma autoanálise e admira sua capacidade:

Sou minha crítica melhor e mais feroz. Sei o que é bom e o que não é. A não ser que escreva, não saberá como é maravilhoso; eu sempre reclamava de não conseguir desenhar, mas agora me sinto felicíssima por saber escrever. E, se não tiver talento para escrever livros e artigos de jornal, sempre posso escrever para mim mesma. Mas quero conseguir mais do que isso. (...) Espero, ah, espero muito, porque escrever me permite registrar tudo, todos os meus pensamentos, meus ideais e minhas fantasias. (...) E vou em frente, com o espírito renovado. Tudo vai dar certo, porque estou decidida a escrever! Quero continuar vivendo depois da morte!

A personagem, mesmo vivendo em situação alarmante, é sonhadora e esperançosa. Faz planos para o futuro e acredita que eles vão realizar. Segundo MAIA (2007,p.10)

O contato das crianças com o universo literário,(...) quando se abre, para o leitor, a possibilidade de ele se familiarizar com as surpresas, as visões plurais reservadas pela linguagem literária, a sua consciência se expande no convívio com o novo e responde de maneira criativa e própria. O real— ou muitos reais da literatura — em que a palavra, movida pelo vetor lúdico, vem revestida de fantasia, de alimentos par ao sonho, de modos inéditos de apresentar a realidade — é dotado de uma força comunicativa mais potente.

O contato com a literatura desde a infância abre um universo de conhecimento, de descobrimento do mundo e de sua significação e essa bagagem pode ser produzida e reproduzida tanto no oral como no escrito. Foi o quê Anne fez.

O último registro em seu diário é datado em 1º de agosto de 1944. Três dias depois o Anexo secreto foi invadido por policiais da Gestapo e levaram as oito pessoas para os campos de concentração. Apesar de Anne viver apenas quinze anos deixou um exemplo comovente e que serve de inspiração como vemos em *Escritores da Liberdade*, filme que retrata o dilema de uma jovem professora na luta por tirar seus alunos da marginalidade e inseri-los na sociedade.

2.1 LEITURA: UMA FONTE DE LIBERDADE

Escritores da Liberdade conta a história de um grupo de alunos estudantes do Colégio Woodron Wilson, na Califórnia, precisamente na cidade de *Long Beach*. Baseado em fatos e protagonizado pela professora Erin Gruwell, interpretada pela atriz Hilary Swank. Erin é professora iniciante e por isso recebe para lecionar a disciplina de inglês básico aos alunos do primeiro ano do segundo grau composto pelas minorias raciais. Sua escolha pelo Colégio Wilson foi pelo fato de estar acontecendo nele o Programa de Integração Voluntária. Na figura 01 podemos ver a reciprocidade dos alunos à professora.



Figura 01: Professora Erin *Escritores da Liberdade*
Fonte: DVD *Escritores da Liberdade*, 2006.

Logo de início a diretora de departamento, Margareth, mostra-se totalmente apática aos alunos e chega a culpá-los pelo fracasso da escola após a inserção do Programa de Integração. Pede que Erin reveja seus planejamentos, pois acredita que os alunos não conseguirão acompanhar o que ela havia preparado. “Muitas vezes a escola (ou algum membro dela) transfere aos alunos uma expectativa negativa e desvalorizada resultando assim na falta de empenho na aprendizagem” (SOARES, 2008, p.34).

A sala 203, frequentada por alunos envolvidos com gangues e totalmente desinteressados pelo aprendizado o que a professora decepciona logo nas primeiras aulas, mas nem por isso desiste da turma porque acredita que a verdadeira luta deve acontecer na sala de aula. De acordo com KRAMER (2010, p.64), “o professor deve exercer na prática seu papel de cidadão”, os seus procedimentos em sala de

aula deve ir além de transmissão de conhecimento, deve inculcar em seus alunos que são criadores e transformadores de suas histórias e de outros.

Em uma das aulas, um dos alunos, Tito, desenha a caricatura de outro aluno, Jamal, destacando seus traços de origem negra. O desenho circula de mão em mão pela sala acompanhadas de risos e deboche. Ao perceber o burburinho, a professora para a aula, pega o desenho e começa a discorrer sobre a Segunda Guerra Mundial (1939-1945) que nas palavras de HERNÁNDEZ (2010,p.13) “o mais nefasto acontecimento, custando a vida aproximadamente de 50 milhões de pessoas e deixando o século XX marcado com rios de sangue, suor e lágrimas” .

Até aquele momento Gruwell não havia conseguido que os alunos prestassem atenção em suas aulas e vários episódios de desentendimento haviam ocorrido precisando que ela recorresse ao monitor para ajuda-la a contornar a situação. Após uma breve reflexão decide usar aquele desenho na aula, dizendo que seria uma ótima aula de arte. Então começa a falar sobre os desenhos que viu em um museu. Desenhos de judeus e negros afirmando que eles eram raças inferiores e que deviam ser exterminados. Ela menciona Hitler e seus seguidores como a maior e mais poderosa gangue do mundo, o que deixa os alunos muito empolgados. Com isso, Erin entra em um assunto proibido de ser comentado na sala de aula.

Ao falar sobre o holocausto, fica surpresa que apenas um dos alunos sabia sobre esse acontecimento mundialmente conhecido e neste momento toma consciência de como era deficiente seus conhecimentos. Ao discutir a teoria de Capital Cultural do sociólogo francês Pierre Bourdieu (1982), SOARES(2008,p.55), afirma que “No universo social, além de bens materiais – força de trabalho, mercadorias, serviços – circulam também bens simbólicos – informações, conhecimentos, livros, obras de arte, música, teatro;(...)” e ainda “A não-posse desse capital é uma das principais causas da maior incidência do fracasso escolar entre os alunos pertencentes às camadas populares;(...)” (SOARES, 2008,p.62). Neste momento, Erin toma consciência de como era deficiente o conhecimento de seus alunos que viviam presos às gangues, indiferentes aos fatos que não eram de seu “mundo”.

Com o intuito de conhecer melhor os alunos, a professora realiza uma dinâmica com a turma. Divide o chão da sala com uma fita vermelha e os alunos

estão distribuídos em cada lado da linha. Ela explica que a regra é: ela irá fazer perguntas e se a pergunta tiver algo com eles, devem pisar na linha. Então começa perguntar sobre coisas simples: música, filme e aos poucos chega às perguntas mais pessoais, ligada ao cotidiano deles.

Ainda com a intenção de conhecê-los melhor, ela propõe a eles a escrita de um diário. Nele, os alunos poderiam escrever poesia, música, sobre suas vidas, o passado o futuro, contando que escrevessem. Eles também não eram obrigados a deixar que ela lesse, mas caso quisessem, deveriam colocar no armário da sala que seria fechado ao final da aula. Nas palavras de SILVA (2009, p.22) “Quem escreve tem a esperança de ser lido” e para sua agradável surpresa, todos os alunos escreveram e autorizaram que ela lesse seus escritos.

Cagliari (2010) a respeito da escrita diz que escrever é algo natural como falar e andar que muitas vezes o ato de escrever na escola é sem motivo o que leva facilmente o aluno a odiar a escrita e conseqüentemente a leitura. O autor afirma que “escrever é uma expressão artística e até um passatempo” (CAGLIARI, 2010, p.87). Observamos aqui que Erin lança mão de estratégias de aproximação dos alunos para poder entender como era suas vidas e conhecer o potencial de cada um.

Feliz com o resultado, a mestra segue seu propósito de fazer algo que fizesse diferença na vida daqueles adolescentes. Ela constata que o nível de leitura deles é muito baixo e vai até a biblioteca da escola em busca de empréstimos de livros o que é negado pela diretora de departamento usando o argumento que eles rasgam, escrevem e não devolvem os livros. Erin contra-argumentou dizendo que talvez seja porque ninguém nunca lhes deu crédito.

Ela leva a turma a um museu onde está expostas fotos das vítimas do holocausto e um pouco de suas tristes histórias. Com recursos próprios ela compra e doa aos alunos uma bolsa contendo quatro livros para serem lidos durante o ano. O primeiro a ser lido é *O diário de Anne Frank*. CAFIERO (2010, p.86) afirma que o não relacionar as informações de texto ao outro resulta na não compreensão fazendo com que a leitura fique vazia e sem sentido. A autora ainda ressalta outro aspecto importante a situação de comunicação, ou seja, o contexto dos acontecimentos, o momento histórico. “A não compreensão pode gerar aversão” levando o ato de ler ao fracasso (CAFIERO, 2010,p.87).

A escolha do livro foi também para que os alunos se identificassem com a autora. Assim, ao compararmos livro e filme, observamos várias semelhanças. Anne era como eles: discriminada, excluída, vista como intrusa na sociedade. A menina era marcada com a estrela amarela e muitos dos alunos carregavam uma tornozeleira, denunciando que já haviam estado em um reformatório e também pelo fato de frequentarem a sala 203, pois nas palavras de um dos alunos no início do filme, ali era a sala dos burros.

Aos poucos Erin Gruwell foi conquistando a confiança de seus alunos e passou a ser chamada carinhosamente por eles de professora G. Quando terminaram a leitura do livro, novamente inovou o seu trabalho. Em vez de fazer uma redação sobre o livro, pediu que escrevessem cartas para a Miep Gies, a protetora dos Franks que ainda estava viva, contando sobre suas vidas. Isso deu ideia a eles de trazerem Gies ao colégio para que a conhecessem pessoalmente. Com iniciativa própria, os alunos começam a angariar fundos para realizarem aquele desejo.

Ao passarem para o terceiro ano, era desconhecido dos alunos que Erin não podia lecionar para eles, e por um momento ficaram desanimados. Energicamente ela fala para eles não usarem isso como desculpa e desistir, se chegaram até ali, tinham capacidade de irem além.

Seu último projeto foi unir o diário de todos os alunos em um único volume e publicar. O livro recebeu o título de *O diário dos escritores da liberdade*, publicado em 1999. Para KRAMER (2010, p.62) o próprio professor destrói o trabalho com leitura e escrita por apontar sua utilidade somente para o futuro “ascensão social e meio de sobrevivência”, deixando um vazio no momento presente. Ao incentivar que registrassem suas histórias, a professora do filme conseguiu propiciar aos seus alunos orgulho, identidade e a chance que outros conhecessem e se inspirassem neles, como eles se inspiraram em Anne Frank.

Erin conseguiu permissão junto ao conselho educacional de Long Beach para lecionar mais dois anos para aqueles alunos e muitos deles foram os primeiros de suas famílias a formarem no segundo grau e irem para uma faculdade. Erin pelo seu trabalho com a leitura e a escrita, conseguiu dar vez e voz aqueles adolescentes e isso fez que abandonassem a violência e passassem a participar do mundo como cidadãos livres e competentes.

3. LEITURA EM SALA DE AULA

A leitura conquistou papel de destaque nas últimas décadas pela diversidade de suporte em que ela é oferecida. Ler e escrever são temas centrais nas discussões de muitos pesquisadores em torno da aprendizagem. Porém, o ato de ler, a cultura da leitura ainda é relativamente pequeno na sociedade.

A proposta do trabalho desenvolvido em sala de aula é mostrar aos alunos que a leitura vai além de aquisição de conhecimento. Conforme CAFIERO (2010, p. 88) “as aulas de leitura devem ocupar a maior parte de nossa carga horária”, visando alargar os limites da mente contribuindo na ampliação do grau de letramento do aluno, permitindo sua participação e a interação na sociedade seja por via oral ou pela escrita. Segue então a sequencia didática e a análise de nossa pesquisa.

3.1. ANNE FRANK NO MUNDO EQUATORIAL

Para que a proposta fosse bem sucedida, buscamos envolver todos os alunos, daí a escolha de ler o livro *O diário de Anne Frank* de forma coletiva, onde todos pudessem acompanhar a história já que não disponibilizávamos de um exemplar para cada aluno como podemos observar nas figuras 02 e 03.



Figure 02: Alunos do 9º ano lendo *O diário de Anne Frank*
Fonte: MOREIRA, R. 2013.



Figure 03: Alunos do 8ºAno lendo O diário de Anne Frank
Fonte: MOREIRA, R. 2013.

Buscamos aspectos que valorizassem essa leitura compartilhada. Sendo o diário constituído de trechos pequenos, a leitura podia ser interrompida sem perder seu significado; evitar o cansaço já que trechos muito extensos podem causar exaustão; ler em voz audível para que perdessem a timidez e procuramos ser o modelo, lendo em voz alta para a turma. Não há receita pronta para transformar o aluno em leitor, mas há caminhos que podem ser seguidos. É importante ouvir o aluno lendo mas é preciso ler com ele e ler para ele.

Segundo CAFIERO (2010, p.97), “a exploração inicial ajuda a criar objetivos de leitura”, então apresentamos o livro para os alunos lendo a capa, a contracapa e o prefácio e buscamos contextualizar a obra perguntando sobre o nazismo, Segunda Guerra Mundial e sobre a personagem Anne Frank oportunizando-os para que também fizessem suas perguntas e tendo o cuidado de não deixar que perdessem a curiosidade sobre a obra. Lemos também alguns trechos do livro *Breve História da SEGUNDA Guerra Mundial*, de Jesús Hernández, que havíamos selecionado anteriormente. Ler é atribuir sentido ao texto, relacionando-o com o contexto e com as experiências prévias do leitor.

Até bem pouco tempo, ao ler uma obra, a principal preocupação era descobrir o sentido determinado pelo autor, hoje, a leitura tornou-se uma atividade de atribuição de sentido. O leitor constrói seu próprio sentido com base na situação enunciativa e em seus conhecimentos prévios. Para Kleiman (2002), a leitura é um processo que se evidencia através da interação entre os diversos níveis de conhecimento do leitor: o conhecimento linguístico; o conhecimento textual e o conhecimento de mundo. Sendo assim, o ato de ler caracteriza-se como um

processo interativo. Os alunos se mostraram interessados e participantes na leitura. Observamos que quando algum faltava os outros contavam a sequência da leitura para o colega.

Sempre reservávamos alguns minutos para comentar o que havia sido lido, procurando sanar as dúvidas e muitas vezes nem precisávamos mediar a discussão porque os próprios alunos interagiam e faziam as inferências sobre o texto. Cabe ao professor construir na sala de aula um clima cooperativo para que os alunos se tornem também colaboradores. KLEIMAN (2002, p.24) salienta que

[...] é durante a conversa que o leitor mais inexperiente compreende o texto: não é durante a leitura silenciosa, nem durante a leitura em voz alta, mas durante a conversa sobre aspectos relevantes do texto. Muitos aspectos que o aluno sequer percebeu ficam salientes nessas conversas, muitos pontos que ficaram obscuros são iluminados na construção conjunta da compreensão (p.24).

Ao longo dessas discussões os alunos traziam relatos sobre conversas com seus pais e outros familiares mais velhos e noticiários sobre a Segunda Guerra Mundial. Segundo Kramer (2010), uma prática que se torna cooperativa não é aquela baseada no silêncio e na ordem e sim fruto do trabalho interessado de todos. Então as atividades escolares podem “ser uma prática social criativa, dinâmica e crítica” (KRAMER, 2010, p. 114).

Terminada a leitura do livro passamos ao segundo momento: assistir ao filme *Escritores da Liberdade* e pedimos para que eles elaborassem um breve relatório tendo como base a seguinte questão: Quais as semelhanças e as diferenças entre o filme e o livro *O diário de Anne Frank*? Também pedimos que escrevessem sobre seus sentimentos e suas emoções em relação ao filme. Visamos nesta atividade objetivar a prática da escrita baseados na afirmação de Cagliari (2010) que o primeiro objetivo da escrita é a leitura. Leitura e escrita são atos complementares. A escrita é uma atividade que se constrói e aprimora com estreita e íntima conexão com a prática da leitura.

Kramer (2010) afirma que é preciso incentivar as crianças para o fascínio da leitura e da escrita promovendo atividades onde ela possa se expressar em relatos orais e escritos e entender sua importância no momento presente e não só no futuro. Então, para desenvolver a habilidade da escrita é preciso se alimentar de práticas de

leitura para assim participar mais e melhor do mundo em que vivemos. O aluno deve entender que a escola está cobrando competências e habilidades que lhe serão úteis socialmente, sendo capaz de praticá-lo com autonomia e criticidade, no sentido de saber estabelecer múltiplas relações entre texto e contexto de uma forma dinâmica e eficiente.

Para oportunizarmos aos alunos de falarem sobre suas experiências com a leitura realizamos uma dinâmica onde eles responderam oralmente três questões: Com que idade aprendeu a ler? Tem um autor preferido? Leu algum livro que deixou marcas em você? Segundo Kramer (2010) ao lembrar uma leitura feita no passado o leitor reconstrói e repensa suas experiências podendo relacionar sua memória a história e a cultura, entrelaçando a memória do outro e criando laços de coletividade.

As primeiras experiências de leitura da criança são marcantes pela compreensão dos significados e mais ainda de se descobrir capaz de desvendar o emaranhado de letras que até então não faziam sentido, descobrindo um mundo colorido, cheio de aventuras e mistérios através da combinação e decifração de códigos. Vale ressaltar aqui a importância de ao ler para uma criança, trabalhar a entonação de voz, o ritmo e os gestos, que são capazes de tocar o emocional e despertar o desejo de também realizá-la.

As experiências com a leitura, mesmo que de um mesmo livro, são diferentes de um leitor para o outro e até para o mesmo leitor visto que o conhecimento de mundo muda e amplia.

O objetivo ao realizarmos esta dinâmica era fazer com que percebessem sua familiaridade com os livros e autores e que buscassem lembrar-se de momentos que desfrutaram do prazer de ler e que por algum motivo ficou arquivado em sua memória. Para BRANDÃO (2010) ao propor aos alunos um exercício que evidencia a experiência com leitura, ao buscar lembranças que foram significativas, autores marcantes e de como e quando lia os textos, o professor conhece o acervo de leitura do aluno e facilita a escolha do livro que irá indicar ou ler com eles.

Observamos que os alunos relataram suas experiências de forma positiva e prazerosa. As maiorias disseram ter aprendido a ler por volta dos seis aos nove anos e muitos citaram como autores preferidos Ziraldo, Ana Maria Machado, Ruth Rocha, Monteiro Lobato. Alguns não souberam o nome do autor, mas falaram sobre

leituras inesquecíveis de livros da *Série Vaga-Lume, Aventuras Grandiosas e Harry Potter*. A leitura de um bom livro tem poder de abrir caminho para a formação de um leitor suprimindo sua necessidade de conhecimento.

De acordo com MAIA (2007,p.47)

[...] a obra literária, enquanto interpretação do real, através da ficção e da fantasia, constitui-se não apenas em instrumento de formação, mas também em instrumento de libertação do jugo do adulto, uma vez que “a literatura surge como um meio de superação da dependência e da carência por possibilitar a reformulação de conceitos e a autonomia de pensamento.

A leitura não transfere apenas conhecimento, mas por falar em culturas e épocas diferentes leva o leitor a ver-se retratado no texto, podendo extrair algo que ele imaginava e no entanto não conseguia expressar. Quando essa leitura é feita de forma prazerosa, ela facilita o armazenamento do conhecimento, por ser apreciada e não apenas uma obrigação enfadonha.

Para Machado e Corrêa (2010), uma vez criadas as condições de boas leituras nos anos iniciais, deve-se buscar a garantia de que o leitor continue sua trajetória, mesmo sabendo que seu caminho individual deverá ser construído por ele mesmo. O tempo destinado a leitura dentro da escola não é suficiente para formar um leitor competente então outro aspecto a ser valorizado e incentivado é a leitura fora do espaço escolar. Acreditamos que a promoção de diálogos sobre suas histórias favoritas, sobre personagens curiosos, estimula a formação de comunidades de leitores dentro e fora da escola e que essa prática o acompanhará além de sua vida escolar.

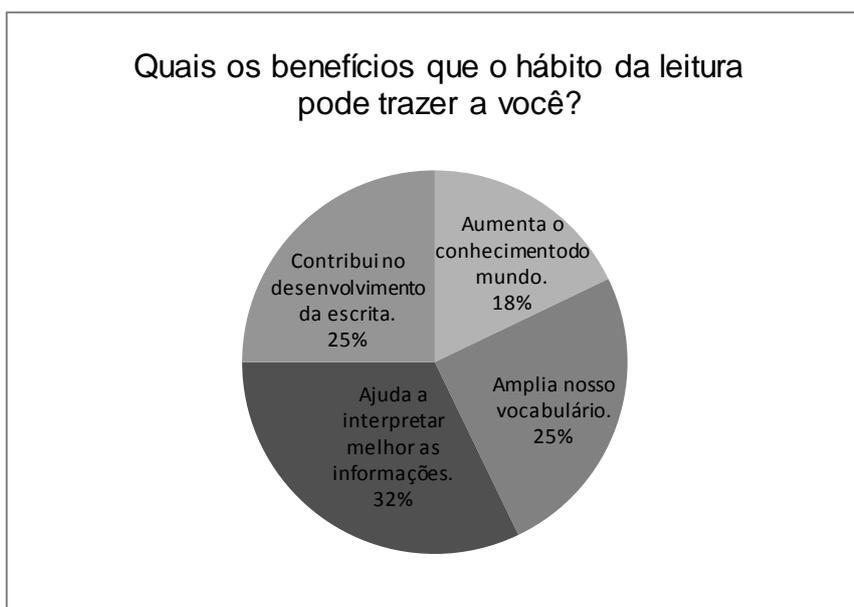
3.2 OS DESAFIOS DA LEITURA

Ler é um desafio e como tal, muitas vezes tem que transpor barreiras que nos impede de chegar onde pretendemos.

A fim de tornar mais evidente a relação dos alunos do 8º e 9º ano do ensino fundamental da Escola Municipal Tiradentes com a leitura, aplicamos um questionário contendo seis perguntas que foram respondidas por vinte e oito alunos..

No gráfico 01 vemos que 100% dos alunos mostraram através de suas respostas que estão conscientes sobre os benefícios que o hábito da leitura traz para as pessoas, justificando suas respostas com as seguintes afirmações: Aumenta o conhecimento do mundo; amplia nosso vocabulário; ajuda a interpretar melhor as informações; contribui no desenvolvimento da escrita.

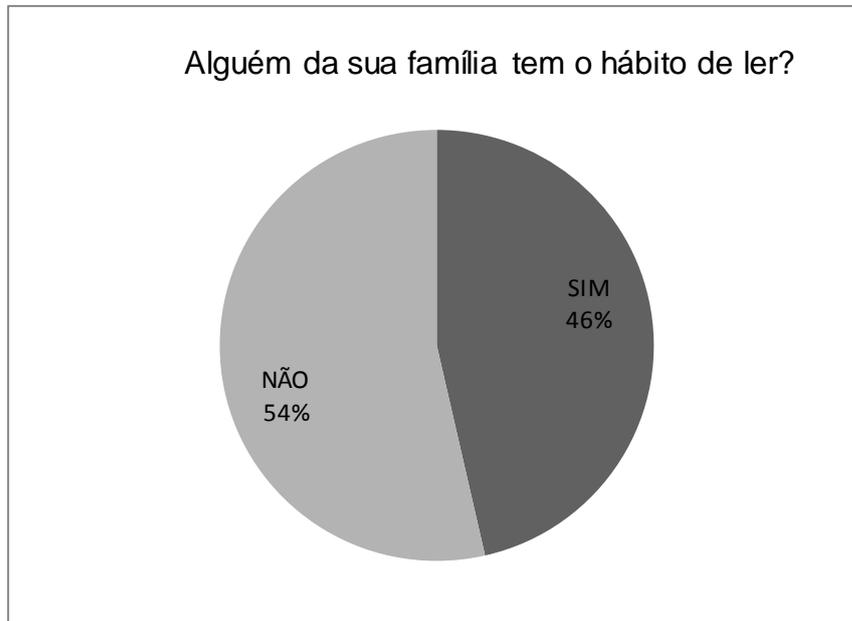
Gráfico 01: Os benefícios do hábito da leitura



Fonte: MOREIRA, R. 2013.

Retomamos a citação de CAFIERO (2010,p.85) que argumenta que “leitura é um processo cognitivo, histórico, cultural e social de reprodução de sentido”. Apontar o caráter social da leitura vai muito além da simples decodificação da linguagem verbal escrita, pois nele está inserido a ideia de que ler é atribuir sentido ao texto, relacionando-o com o contexto e com as experiências prévias do sujeito leitor. Nesse sentido cabe afirmar que essa leitura sempre será precedida de uma finalidade concreta, que atenderá a um objetivo presente no contexto real em que o leitor está inserido.

A leitura como prática social é um meio que poderá conduzir o leitor a resolver um problema prático, responder a um objetivo concreto ou a uma necessidade pessoal usando suas experiências, mesmo que pequenas, para construir história, para ser capaz de refletir, criticar, enfim, de usá-la em prol de si mesmo e da sociedade.

Gráfico 02: Leitura na família

Fonte: MOREIRA, R. 2013.

Observamos no gráfico 02 que enquanto 46% disseram ter exemplo do pai, mãe, irmãos, tios e avós, 54% afirmaram não ter o exemplo em casa.

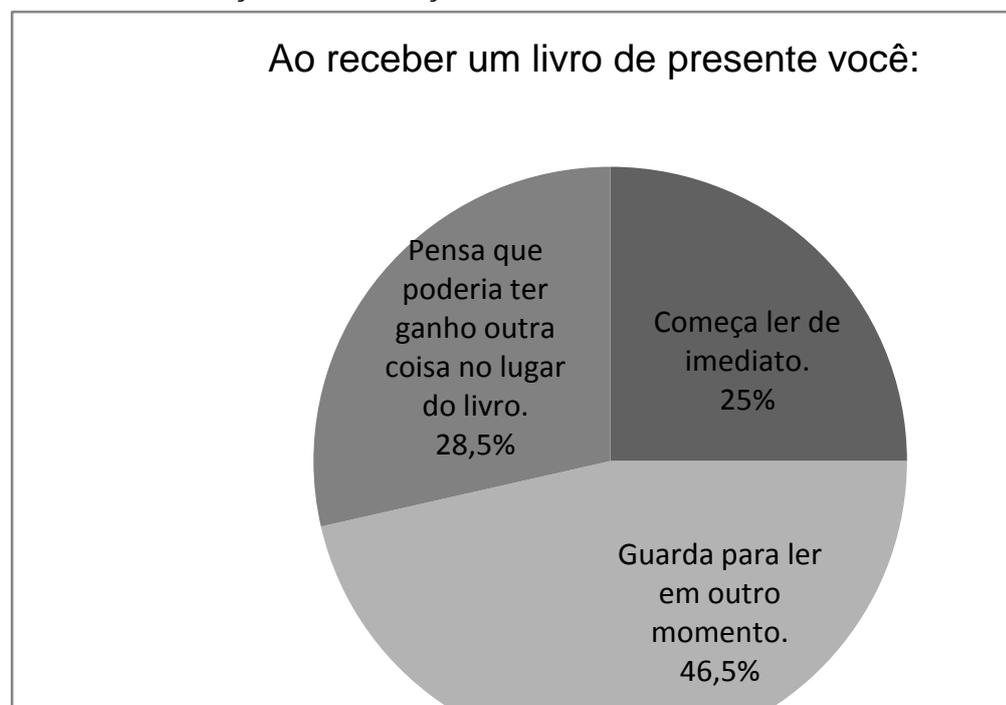
Kramer (2010) ressalta a importância de exemplos de leitura por pessoas ligada as crianças desde bebês. Segundo ela, o processo de formação do leitor está vinculado, em um primeiro momento, ao contexto familiar e depois a escola. Se a criança presencia desde a mais tenra idade momentos de leitura pela mãe, pai, irmãos e avós, se há presença de livros no lar, ela aceitará esse ato com maior satisfação, já que ela aprende por meio de imitações do comportamento de pessoas próximas e executa o que assimilou em sua vida.

Muito dos alunos afirmaram que seu primeiro contato com o livro foi na escola e essa experiência muitas vezes pode ser desastrosa, já que a leitura na escola por estar ligada muitas vezes a avaliação, pode ser interpretada como castigo e adquirir papel negativo.

Por isso o trabalho com leitura deve ser visto e planejado com responsabilidade. Quando é alcançado o sucesso nesse trabalho, não é apenas o

aluno que está sendo beneficiado, ele será um multiplicador e levará consigo por toda a vida e a família, com suas características culturais e econômicas iniciará a criança no mundo das letras, à escola cabe expandir esse universo.

Gráfico 03: Indicação da valorização da leitura

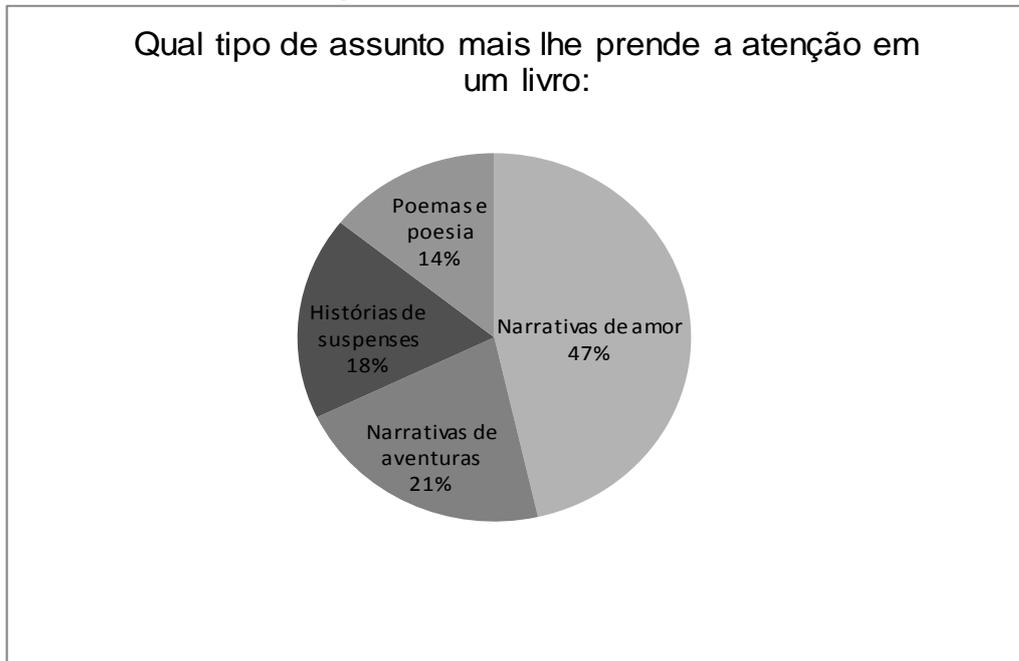


Fonte: MOREIRA, R. 2013.

Procuramos explorar nesta questão retratada no gráfico 3, o verdadeiro valor dado à leitura pelos alunos. A partir dos resultados, levantamos outro questionamento: Como será que a leitura foi apresentada a estes alunos?

Sabe-se que, quanto mais leitores iniciantes tiverem contato com diferentes suportes de leitura, sem imposição insípida, e sim um convite cheio de surpresas boas, mais fácil será de este se tornar um leitor comprometido. Kleiman (2011) afirma que o leitor deve se sentir o coautor do texto lido. Mas para que isto aconteça deve-se levar em conta o nível de conhecimento, o grau de seu desenvolvimento cognitivo, para que ele possa dar sentido ao que lê. Se esses aspectos não forem valorizados, dificilmente os livros despertarão desejo de serem lidos por estas crianças.

O universo da leitura envolve o ser humano por todos os lados. As histórias além de estimular o imaginário fortalecem sua identidade e desperta a preferência de leitura de cada um como vemos no gráfico 04.

Gráfico 04: Percentual da preferência literária

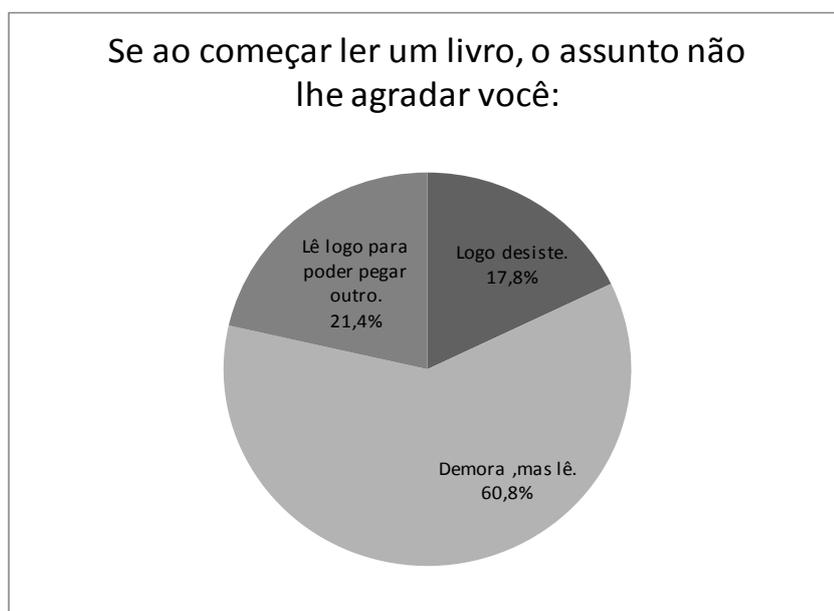
Fonte: MOREIRA, R.2013.

O sexo é uma variável significativa no que diz respeito aos interesses de leitura. As preferências literárias dos meninos são diferentes em sua maioria do que das meninas. Enquanto eles interessam por aventuras, viagens e explorações, as meninas se interessam mais por histórias de amor, crianças, vida familiar, etc.

Destacamos novamente que o professor deve ser conhecedor do gosto literário de seus alunos, deve orientar, estimular, dar oportunidade de o educando ler o que há de melhor no acervo da escola, o que trará maior contribuição para sua vida sem lhe ferir a autonomia.

Observado o gráfico 5, percebemos que a atração por determinados assuntos é uma barreira que deve ser transposta. Textos complexos e com vocabulário rebuscado deve ser apresentado aos poucos para que o aluno vá se familiarizando e tomando consciência que essa leitura é necessária, assim resultando em pontos positivos.

Gráfico 05: Taxas das atitudes dos leitores diante do assunto retratado



Fonte: MOREIRA,R. 2013.

Machado e Corrêa (2010) ressaltam que o professor deve indicar os gêneros de acordo com a manifestação por cada faixa etária, observando também os interesses temáticos que emergem do cotidiano. Na escola precisamos fazer certas leituras obrigatórias, que fazem parte do currículo, porém o aluno deve ser incentivado e apoiado em suas próprias escolhas.

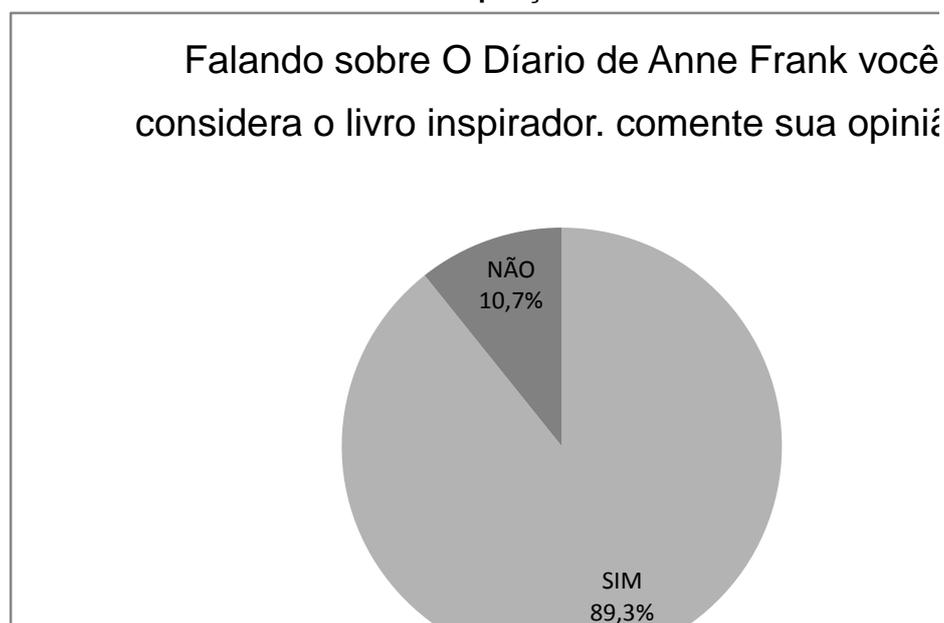
Para Silva e Martins (2010, p. 29) “a vida em sociedade requer inúmeras e imprevisíveis ações dos sujeitos leitores”, ações que devem acompanhar a velocidade dos meios que oferecem a leitura e em meio a essas mudanças deve existir a possibilidade de fazermos escolhas que vão de encontro com a preferência e gosto literário.

O leitor precisa sentir-se próximo do que está lendo, precisa sentir-se envolvido pelo contexto do livro para que sua leitura não seja um fracasso, porém deve ser consciente que como cidadão no mundo, principalmente como estudante,

precisa ter contato com variados tipos de textos e assuntos que irão auxiliá-los em sua trajetória escolar e profissional.

A criança e o adolescente buscam sua fonte de identidade e muitas vezes essa fonte serve-lhe de inspiração desde a simples escolha de uma roupa até outra mais complexas como que profissão seguir. Pensando assim elaboramos a última pergunta questionando os alunos se a obra lida foi inspiradora e apresentamos o resultado no gráfico 6.

Gráfico 06: O livro como fonte de inspiração



Fonte: MOREIRA, R. 2013.

Sendo a leitura uma atividade que deve acompanhar o aluno em toda a trajetória escolar e que a cada ano deve ser ampliada, a leitura do livro *O diário de Anne Frank* foi uma forma de aproximar e reaproximar os alunos deste ato, resgatar o que parecia estar se perdendo, pois como mostra o gráfico acima, a maioria deles apreciaram a obra..

“Esse foi o primeiro livro que me fez chorar”, disse T.P. “Às vezes parece que nem estou lendo, estou ouvindo ela mesma falando,” afirmou L.M. F. “Se não fosse a guerra, eu diria que Anne escreveu hoje e não há mais de sessenta anos”, conclui G.C.J, aluna do 8º ano. Essas são algumas das expressões dos alunos em nossas conversas sobre a obra. Houve vários momentos em que vimos eles se emocionarem. Silva e Martins (2010) destacam que ao escolher uma obra para ser

lida deve-se levar em conta se ela vai nutrir a curiosidade de desvendá-la do começo ao fim.

Acompanhar o dia a dia de alguém com idade semelhante, falar sobre outro ser humano em um momento diferente, falar sobre amor, raiva, ódio, alegria, saudade, sentimentos tão intensos na adolescência criou uma relação estreita com a obra na maioria dos alunos e podemos afirmar que construiu experiências de leitura.

CONCLUSÃO

A leitura está presente em todo e qualquer lugar. Ela tem grande contribuição na inserção do ser humano na sociedade e mesmo sem perceber estamos de certa forma lendo a todo o momento seja quando estamos interpretando os simples detalhes que nos cercam ou quando estamos decodificando um livro e atribuindo-lhe sentido.

Sabe-se que, quanto mais leitores iniciantes tiverem contato com diferentes suportes de leitura, quanto mais forem oferecidos momentos para este ato, mais aptos estarão para o efetivo exercício da cidadania. O cidadão precisa ter criticidade em relação a si mesmo e o mundo em que vive, por isso o hábito da leitura deve ser incentivado desde a mais tenra idade, influenciado por pessoas próximas, incentivado pela escola e trabalhado pelo professor. Mas para esse ato tornar-se libertário e prazeroso é preciso que o leitor tenha tal desejo.

O desejo de ler deve ser desenvolvido, e um dos caminhos é colocar desde muito cedo as crianças em contato com os livros, e isso significa responsabilidade da família.

Diante da análise dos resultados, concluímos que nossas hipóteses foram em parte, validadas, pois percebemos que os educandos em sua maioria gostam de ler e têm consciência de sua necessidade, porém como presumimos, são poucos que realmente tem esse hábito. Ler não deve ser uma atividade mecânica, forçada. Deve ser uma diversão prazerosa.

Durante a nossa pesquisa constatamos que o número de procura de livros para ler em casa cresceu e tornaram-se mais participativos. Também ouvimos com maior frequência relatos das obras que estavam lendo e indicação para o colega. Nesses momentos, procurávamos sempre salientar junto a eles o prazer de abrir um livro e desfrutar de seu conteúdo construindo as imagens, virando o herói ou o vilão, diferente da televisão que na afirmação de Silva trás tudo pronto e acabado.

Devemos interagir com nossos alunos de modo a possibilitar sua inserção efetiva no mundo da leitura, fazendo-os reconhecer a ampliação de suas competências leitoras e tendo-a como exercício de cidadania, para isso é preciso conhecer o gosto e preferência de nossos alunos, suas limitações e seus interesses.

O ato de ler vai além da escrita, embora esteja estreitamente ligado a ele. O simples decodificar das palavras não garantem que sejam interpretadas corretamente. Ler é dialogar com o autor, é preencher as lacunas deixadas propositalmente ou não, é viajar por lugares desconhecidos e remotos através de linhas e páginas.

Não existe uma receita para formar bons leitores, existem sim caminhos que podem ser facilitadores nesse processo. Acreditamos que sementes foram plantadas com nosso trabalho, afinal, nunca é tarde para aprender a gostar de ler.

REFERÊNCIAS

Bauman, Zygmunt. **Modernidade líquida** / Zygmunt Bauman; tradução, Plínio Dentzien. –Rio de Janeiro: Zahar, 2001.

CAGLIARI, Luiz Carlos. **Alfabetização e linguística**. São Paulo: Scipicione, 2009.

CASTELLS, Manuel. **A sociedade em rede**. São Paulo: Paz e Terra, 1999.
Disponível em:< <http://pt.scribd.com/doc/23944745/Resumo-a-Sociedade-Em-Rede-Castells>> Acesso em: 27 Set, 2013.

FIORIN, José Luiz, Francisco Platão Savioli. **Para entender o texto: Leitura e redação**. – São Paulo – editora ática; 16ª ed., 2002.

FRANK, Anne. **O diário de Anne Frank**: edição integral/tradução de Ivanir Alves Calado. – 14ª edição – Rio de Janeiro: BestBolso, 2011.

HERNÁNDEZ, Jesús. **Breve história da Segunda Guerra Mundial**. Tradução Flávia Busato Delgado. – São Paulo: Madras, 2010.

KLEIMAN, Angela. **Texto e leitor: Aspectos cognitivos da leitura**/ 14ª Edição, Campinas, SP- Pontes Editores, 2011.

KRAMER, Sonia. **Alfabetização, leitura e escrita: formação de professores em curso**– São Paulo: Ática, 2010.

LIMA, Luiz Costa. et al. **Teoria da cultura de massa**/ introdução, comentário e seleção de Luiz Costa Lima.-- 8. Ed --São Paulo: Paz e Terra, 2011.

MACIEL, Francisca Isabel P. et al. **Literatura: ensino fundamental** – Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, 2010. (Coleção Explorando o Ensino; v.20).

MAIA, Joseane, **Literatura na formação de leitores e professores.**—São Paulo: Paulinas, 2007.— (Coleção literatura& ensino)

MORAES, José. A missão de despertar o interesse pela leitura. **Pátio Ensino Médio**, Porto Alegre, ANO 4, n 15, p. 18-21, dez 2012/fev2013.

NASCIMENTO, Cristiane Valéria Furtado do. **Montessori e as “casas das crianças”**. Disponível em: <http://www.pedagogiaemfoco.pro.br/per02.htm>>Acesso em 21/08/.2013.

NATALI, Adriana. O apagão da leitura. **Língua Portuguesa**, São Paulo, ANO 8, n 83, p. 40-45, set. 2012.

NÉRI, Felipe.et al. **Crianças e adolescentes estão lendo menos, indica pesquisa.**

Disponível em:<<http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/condicaodevida/indicadoresminimos/notasindicadores.shtm>> Acesso em: 06 de fev. 2013

ROJO, Roxane. et al. **Língua Portuguesa: ensino fundamental** – Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, 2010. (Coleção Explorando o Ensino; v.19).

SANCHOTENE, Joice. **História da Educação**. Disponível em:

<<http://sanchotenejoyce.blogspot.com.br/2010/04/historia-da-leitura.html>> .Acesso em 30/01/2013

SILVA, Ezequiel Teodoro da. **Criticidade e leitura: ensaios** – São Paulo: Global, 2009.

_____ **O ato de ler: fundamentos psicológicos para uma nova pedagogia da leitura** – 11. ed. – São Paulo: Cortez, 2011.

SOARES, Magda. **Linguagem e escola: Uma perspectiva social**. - São Paulo: editora ática, 2008.

TOMAZI, Nelson D. *et al.* **Iniciação à Sociologia**– 2. ed. rev. e ampl.–São Paulo: Atual, 2000, 1988.

Filme **Escritores da liberdade**. Richard Lagravenese. AMZ MídiaIndustrial SA. Paramount Pictures, 2006. DVD.